

# REVISTA MARACANAN

## Seção Especial

### Para lembrar José Murilo de Carvalho (1939-2023)

*Remembering Jose Murilo de Carvalho (1939-2023)*

**Guilherme Pereira das Neves\***

Universidade Federal Fluminense  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Lucia Maria Bastos Pereira das Neves\*\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil



---

\* Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, Instituto de História. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo; Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (neves.gp@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5934-8349>

 <http://lattes.cnpq.br/3813231916661819>

\*\* Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo; Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (lubastos52@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-0235-4764>

 <http://lattes.cnpq.br/6498404522445333>

Em 28 de janeiro de 2015, a Universidade de Coimbra, Portugal, concedeu o título de doutor *honoris causa* a José Murilo de Carvalho. A cerimônia revestiu-se de toda a pompa de que é capaz uma universidade europeia com 700 anos de tradição. Paramentados com as vestes talares no interior da Biblioteca Joanina, o agraciado e os professores da casa seguiram até a Sala dos Atos em procissão, que misturava o preto das togas ao colorido variado dos capelos conforme as especialidades acadêmicas. À frente, uma pequena banda de música, a *Charamela*. Os docentes de ambos os sexos se instalaram em assentos dispostos ao longo das paredes; para a assistência masculina, havia bancos de cada lado do largo corredor central, como na nave de uma igreja; à feminina, porém, atribuiu-se acomodação no andar superior, de onde cabia observar a cerimônia dos vãos que a galeria oferecia. Ao fundo do vasto aposento, o reitor postou-se em estrado elevado, acompanhado pelo diretor da Faculdade de Letras, os dois oradores – Fernando Catroga e José Augusto Bernardes –, e, mais abaixo, Carlos Reis, o apresentante, e o candidato. Após os discursos de cada um, no momento da imposição do grau, José Murilo devia responder com pequeno texto em latim.<sup>1</sup>

Na véspera, em meio aos preparativos e ensaios para a cerimônia, a maior preocupação dele consistia em saber qual a pronúncia do latim que Coimbra adotava – se a reconstituída, se a eclesiástica, se alguma variante local. No dia seguinte, em auditório moderno da instituição, José Murilo apresentava uma conferência: “Três encontros não marcados com a Universidade de Coimbra”. Nela, ajustadas as lentes à ocasião, retomava sua trajetória.<sup>2</sup>

O primeiro encontro ocorrera na década de 1970, enquanto elaborava sua tese nos Estados Unidos sobre o papel das elites na construção do Estado oitocentista. A presença da Corte no Rio de Janeiro, à diferença do que ocorrera nos domínios de Espanha, parecia-lhe explicação insuficiente para a manutenção da integridade territorial da América portuguesa após a Independência. Minucioso levantamento prosopográfico do pessoal dirigente do Império revelou então a formação superior, quase sempre em Coimbra, como importante elemento comum. Assegurara-se assim uma sociabilidade particular entre os integrantes da elite e, ao mesmo tempo, estendera-se ao novo país o conservadorismo político, que dominava a universidade europeia.

O encontro seguinte veio logo depois, com o convite para escrever a história da Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 1876. No final do século XVIII e na primeira metade do XIX, o interesse pela geologia, a mineralogia e a metalurgia no Império nascera da formação de

---

<sup>1</sup> Doutorado Honoris Causa de Murilo de Carvalho. (Vídeo). *YouTube*, Canal da Universidade de Coimbra. Publicado em: 28 mar. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/AqOyQGk5k44>. Acesso em: 30 ago. 2023.

<sup>2</sup> A conferência em Coimbra saiu publicada como: *Estudos Brasileiros na Universidade de Coimbra: Por ocasião do Doutorado honoris causa do Doutor José Murilo de Carvalho*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 73-100.

*naturalistas*, como foi o caso paradigmático de José Bonifácio, para não falar de muitos outros. Ou seja, as raízes do pensamento científico brasileiro também deviam buscar-se nas aulas de Filosofia e Matemática da Universidade de Coimbra, que a reforma de 1772 impusera a todos os alunos.

O terceiro encontro tardou um pouco e veio entremeado a um tipo de exposição teórica e metodológica, a que raras vezes José Murilo recorreu. Tratava-se de artigo publicado no número inaugural da *Topoi* (2000) sobre a retórica como chave de leitura para a história intelectual no Brasil. Já sob os efeitos do *giro linguístico* na história e nas ciências sociais de finais do século XX, observação encontrada em texto de Oliveira Viana, somada ao estilo dos discursos no Conselho de Estado levaram-no a constatar a importância da formação retórica na argumentação política empregada pelo país independente em 1822. Ao retomar em 1772 as críticas ao discurso barroco seiscentista e a apologia das virtudes de convencimento da retórica clássica por Luís Antônio Vernei (1713-1792), mais uma vez, as evidências da reforma da Universidade vinham confirmar Coimbra como a fonte de tais concepções.<sup>3</sup>

A partir daí, a conferência tomava outro rumo. Deixava de rememorar e passava a refletir e até a especular. Mobilizando os dados acumulados no percurso, identificava fragilidade na reforma pombalina, incapaz de conter a prevalência, ao longo do século XIX brasileiro e além, da retórica jesuítica sobre a versão que o *Verdadeiro método de estudar* (1746) procurara incutir. Afinal, politicamente, não decorria a razão do conservadorismo, que nunca abandonou a universidade, garantindo periódicas atitudes de caça às bruxas do momento? Enquanto isso, sociologicamente, nem o episódio vintista em Portugal, nem as correntes racionalistas presentes no Brasil mostraram força suficiente para superar comportamentos legados pelo Antigo Regime, como o amor às pompas, a reverência às autoridades, o lugar proeminente da religião e da Igreja, destacado este último em ocasião anterior. Com a ausência do estímulo de uma comunidade científica sólida e a longa presença do regime monárquico, o resultado geral consistiu, assim, na formação de um povo “de palradores e ideólogos”, como concluiu em 1882 Rui Barbosa, “nosso maior palrador de todos os tempos”.

E, dessa forma, José Murilo chegava ao presente. Algumas das características do velho estilo, ousava dizer, “arriscando a pele”, sobreviveram até a pós-graduação das universidades brasileiras, em especial nas áreas de humanidades e ciências sociais, com suas obsessões teórico-metodológicas, seus *maîtres à penser*, o tratamento inadequado das evidências, o recurso a palavras e conceitos da moda, o estilo arrevesado, tido como sinal de profundidade. Se, nas décadas de 1970 para cá, surgira uma comunidade de profissionais convencidos do caráter científico da disciplina, exigido pelas agências de fomento e de avaliação a partir dos modelos das ciências naturais, não obstante, na retórica dos textos que produziram, a história conservou, com demasiada frequência, o sabor escolástico.

---

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123-152, dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X001001003>.

Marcado desta vez com a antecedência devida e tocado pela homenagem, para finalizar, considerou esse quarto encontro com Coimbra “a mais alta honraria a que poderia aspirar”. Enquanto o detalhe da preocupação com a pronúncia latina indica a solidez da formação insólita que adquiriu e a seriedade com que encarava seus compromissos, a conferência, por sua vez, ilumina de maneira extraordinária – tanto ou mais que qualquer outra obra sua – não só a trajetória intelectual de José Murilo, como igualmente a densidade de seu pensamento e a forma original que tinha de refletir sobre a realidade. Quem era, porém, a pessoa por trás de tais palavras?

Difícil dizê-lo. Conhecido pela pontualidade nos encontros, pela ironia discreta e pelo laconismo nas mensagens eletrônicas, que assinava em geral apenas “JM”, por mais que divulgasse em textos e entrevistas detalhes de suas origens familiares, de sua formação, de suas opiniões políticas, fechava-se em copas sobre sua vida pessoal e até sobre as vicissitudes de sua saúde, ainda mesmo para quem era próximo. Consciente da importância que tinha a obra realizada, irritava-se quando não a reconheciam, mas nem por isso a utilizava para pavonear-se. Sabia, no entanto, empregar o próprio prestígio para resguardar com generosidade alunos, colegas e amigos das atitudes mesquinhas de que o mundo acadêmico se mostra tão pródigo. Sempre procurando *to get straight to the point*, no estilo como na vida, era o anti-*retórico* por excelência. Tudo isso transparece, para quem o conheceu, da “Introdução” que escreveu para *Pontos e bordados* (1998), aquele que talvez assinale a passagem definitiva do cientista político ao historiador e se revele o mais pessoal de seus livros. Para intitulá-la, escolheu verso de *Para Lennon & McCartney*, composição de Fernando Brant, Lô Borges e Márcio Borges, tornada célebre na voz de Milton Nascimento: “Sou do mundo, sou Minas Gerais”.<sup>4</sup>

Hoje apenas uma fotografia no porta-retrato, como a Itabira na parede de Drummond, José Murilo de Carvalho permanece vivo em sua obra graças à tensão que soube criar através dessa dupla herança – o local e o universal, o pessoal e o coletivo, o passado e o presente –, pois aprendera bem cedo a situar o indivíduo em seu ambiente. A começar por ele próprio.

---

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 457 p.